

O Futebol Brasileiro e o “Futebol Arte”: uma análise foucaultiana a respeito da ordem destes discursos na mídia e na academia ¹

Nathaly Barbieri MARCONDES ²

José Carlos MARQUES³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

Resumo

Diante da constante representação em diversos produtos midiáticos de que o futebol brasileiro seria caracterizado como o “futebol arte”, e do surgimento de recentes estudos acadêmicos que problematizam ou que recusam esta caracterização quando se observa o futebol nacional a partir da década de 1970, este trabalho tem como objetivo tentar entender como o primeiro discurso ainda se mostra hegemônico em nossa sociedade. Para isso, foram utilizadas as classificações propostas por Foucault (1999) para possíveis formas de exclusão ou interdição de discursos, presentes em sua obra “A Ordem dos Discursos”. Como objeto de análise, foram selecionadas as vinhetas produzidas pelas emissoras de TV Globo e Bandeirantes, responsáveis pela transmissão da Copa do Mundo de 2014, para a divulgação do evento.

Palavras-chave: futebol brasileiro; mídia; Foucault; ordem do discurso; futebol arte.

O Futebol Arte vs. O Futebol Acadêmico

O futebol, ao longo do tempo, tornou-se culturalmente característico de um ethos brasileiro, tanto na visão da população nacional, como da estrangeira, como reconhece o antropólogo Roberto DaMatta (1994). A sociedade brasileira emprestou os traços mais marcantes de sua cultura para moldar o futebol da forma como gostaria que ele fosse, enquanto o futebol auxiliou tal sociedade a modernizar-se com a introdução de noções de democracia e igualdade social.

[...] embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados objetivos capitalistas ou burgueses, ele, não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. No fundo, o futebol prova que pode se

¹Trabalho apresentado no DT 6 - GP Comunicação e Esporte, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade do Sagrado Coração (USC). Especialista em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: nathalymarcondes@gmail.com.

³Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Bauru. E-mail: zeca.marques@faac.unesp.br.

acasalar [...] valores culturais locais, nascidos de uma visão de mundo tradicional e particularista, com uma lógica moderna e universalista. (DAMATTA, 1994, p. 12).

No meio acadêmico, entretanto, parece não haver dúvida sobre o fato de que a gênese deste processo sobre o “futebol arte” tem origem no sociólogo, antropólogo e escritor Gilberto Freyre, que inauguraria a visão idílica do futebol-arte brasileiro em texto publicado no Diário de Pernambuco em 17 de Junho de 1938. Intitulado de “Foot-ball Mulato”, tal texto causará enorme influência no imaginário nacional, influenciando sobremaneira o olhar que será dedicado desde então ao futebol pela imprensa esportiva brasileira e pelos aficionados pelo futebol, de forma geral.

Nele, Freyre (1938) discorre sobre a atuação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo da França, que ocorreu no mesmo ano da publicação. O autor atenta à coragem que o Brasil teve ao enviar à competição um time fortemente afro-brasileiro, que com exceção de alguns brancos, era composto por uma maioria de jogadores negros e mulatos. E é devido a esta composição, refletida da sociedade brasileira, que Freyre (1938) diz ser o estilo de se jogar futebol no Brasil diferente do estilo europeu. Elementos característicos presentes na sociedade, advindos de outras culturas, são os principais diferenciais do futebol brasileiro, como a surpresa, a manha, a ligeireza, a astúcia e a espontaneidade individual, que Freyre compara ao estilo de Nilo Peçanha, primeiro mulato presidente do Brasil, de governar.

Este texto pode ser dito fundador da ideia que se tem do futebol praticado no Brasil, pois Freyre (1938) afirma que o estilo brasileiro é uma maneira inconfundível de praticar o esporte. Ele o compara à forma europeia, fazendo menção às classificações de dionisíaco e apolíneo. O estilo brasileiro, dionisíaco, não se limitaria ao método técnico, sendo caracterizado pelo floreio e pelo improviso, ganhando liberdade para ostentar talentos individuais, enquanto o estilo europeu, apolíneo, tentaria eliminar estes elementos em benefício da técnica científica. E nesta descrição entre ambos os estilos é que Freyre (1938) compara, pela primeira vez, o futebol brasileiro a uma arte.

Freyre (1938) estende esta dicotomia entre os estilos do futebol para a sociedade, mostrando que enquanto a europeia prima pela standardização, pela ordenação interna e externa, a brasileira tende a uma maior flexibilidade.

Neste ponto, cabe ressaltar que a primeira noção da diferenciação do futebol brasileiro, em relação àquele praticado por jogadores de outras nacionalidades, foi

reproduzida em texto veiculado em um meio de comunicação de massa, o que pode ter colaborado para sua propagação.

O pensador alemão Anatol Rosenfeld (1993) discorre sobre a influência advinda dos negros, dizendo que ela se deve ao fato de que, embora o futebol tenha nascido no Brasil como uma modalidade esportiva elitista, que priorizava a prática pela parte caucasiana da população, ao se tornar um esporte popular a toda ela, anos após a abolição da escravatura, ele foi visto pelos negros como uma fuga à ascensão social.

O jogador de futebol lhes pertencia; compreendiam-no, seu chute era o deles. Na medida em que começou a se comprovar o mesmo valor dos jogadores de raça negra – a princípio posto em dúvida pelo próprio homem de cor – cresceu simultaneamente a autoconsciência das massas e elas começaram a sentir o jogador negro ou mulato como seu representante (ROSENFELD, 1993, p. 99).

Devido à singularidade do estilo brasileiro de jogar futebol, este esporte se tornou um elemento de identidade nacional. Segundo Édison Gastaldo (2012), o futebol seria um dos principais meios de construção da memória social e afetiva relacionada ao sentimento de nação para a sociedade brasileira, o que se confirma a cada participação da seleção do país em uma Copa do Mundo.

José Miguel Wisnik (2008) faz uma análise da sociedade brasileira, baseada principalmente nos conceitos descritos sobre ela nas obras machadianas, dizendo que tal sociedade teria traços de profundo descompromisso e imaturidade ou poderia ser a mais adiantada ou mais infantil das civilizações, ou seja, ela estaria compreendida “entre o Brasil remédio universal e o Brasil veneno de si mesmo...” (WISNIK, 2008, p. 170). O autor fala sobre este assunto para, finalmente, chegar à conclusão de que o futebol no século XX exemplificaria perfeitamente esta síndrome brasileira, como ele mesmo a classifica, que oscila entre uma ambição de máxima grandeza e uma impotência infantil. Ainda segundo ele, o futebol ofereceu à sociedade uma forma de balancear a busca por uma civilização avançada, combinada às gratificações infantis obtidas, por tratar-se de uma atividade que se aproxima do lúdico.

[...] o jogo admite as demandas infantis que estão na base da compulsão ao brincar de bola (congenitamente avessa, por sua vez, ao universo da *obrigação*), ao mesmo tempo em que exige maturação e senso de responsabilidade, sem o qual a disputa não se sustenta. (WISNIK, 2008, p. 172).

Para Wisnik (2008), embora o futebol brasileiro seja comparado à arte, ele se diferencia dela à medida em que não pode esconder suas imperfeições, ou seja, o rascunho não pode ser separado da obra prima, no mesmo lugar onde acontecem passes

desconcertantes e belas jogadas, podem acontecer também diversos erros. Ao mesmo tempo, o autor atenta para a beleza do jogo em contraposição à “violência” da prática, ou seja, o futebol-arte contraposto ao futebol-rivalidade. Isto daria ao esporte um ar mais cético, deixando de ser comparado somente à arte, e sendo analisado de forma equilibrada e crítica.

Por fim, Wisnik (2008) afirma que não tem a intenção de reconhecer as firulas e jogadas do futebol brasileiro como uma indicação de que ele se aproximaria da arte, mas sim observá-los de forma a entender como a cultura do Brasil penetrou neste esporte.

[...] em vez de dizer que o Brasil se faz reconhecer pelo seu poderio futebolístico mas não pelas coisas de fato importantes, é o caso de reconhecer que talvez seja difícil alguma coisa ‘de fato importante’ acontecer se não formos sequer capazes de compreender o sentido da importância que o futebol ganhou no Brasil. (WISNIK, 2008, p. 403).

No entanto, a aceitação de que jogadores brasileiros já nasceriam aptos a praticar o futebol-arte por meio de técnicas e habilidades individuais presentes em seu genoma começou a ser posta em xeque, igualmente, na academia brasileira ao longo dos últimos quinze anos, como atestam as diversas contribuições de Soares, Helal, Lovisolo e Santoro.

Helal e Gordon (2002) afirmam que o processo de popularização do futebol no Brasil foi permeado por um trabalho executado por agentes do universo político e esportivo para que se criasse um espaço naturalizado para o esporte, ou seja, a intenção era que se promovesse uma associação simbólica do futebol com a realidade presente na sociedade brasileira, no caso, o Estado-Nação e o povo. Ainda segundo os autores, entre a década de 1930 e 1950, a popularização deste esporte foi alavancada não só por sua profissionalização, mas principalmente a setores da intelectualidade e à imprensa, que fizeram do futebol um espetáculo direcionado às massas, constituinte da cultura popular.

Ainda segundo estes autores, foram tais intelectuais e agentes da imprensa os responsáveis por iniciar a difusão da ideia de que o Brasil possuía um estilo próprio de jogar futebol, como se quando praticado pelos brasileiros, este esporte ganhasse traços de seu caráter, resultado, por sua vez, da mescla entre as culturas europeias e africanas (brancos e negros). “Daí a ideia de que o futebol brasileiro se manifesta em campo como uma espécie de dança, e que expressa características tais como malícia, arte, musicalidade, ginga e espontaneidade.” (HELAL; GORDON, 2002, p. 43).

É interessante perceber que Helal e Gordon tratam o “futebol arte” como uma ideia, e não um fato, criado e difundido por intelectuais e profissionais da imprensa. Neste caso, nota-se um posicionamento que coloca em dúvida se o futebol praticado no Brasil na realidade é o mesmo daquele divulgado pelos veículos de comunicação. Os próprios autores dizem ser esta visão do futebol brasileiro, definidor de identidade, como uma “metáfora poderosa, pois transcende os limites do campo acadêmico e intelectual (onde foi gerada), para se tornar uma ideologia amplamente difundida e absorvida pelo senso comum” (HELAL; GORDON, 2002, p. 44). Eles ainda apontam as Copas do Mundo, de 1950, 1958, 1962 e 1970 como eventos em que se pôde enxergar claramente a proporção que tal metáfora havia tomado, com a presença de jogadores negros e mestiços, como Pelé e Garrincha, e as vitórias alcançadas após 1950, do futebol dito artístico.

Sob esta ótica, o enquadramento dado à Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1970 colaborou intensamente para o adensamento da identidade nacional brasileira atrelada à noção do futebol habilidoso, pleno de ginga, dribles, improvisação e malandragem. Aspectos táticos e físicos que contribuíram para o sucesso do Brasil naquela competição foram paulatinamente esquecidos, em favor da suposta habilidade incontestável dos jogadores nacionais, perpetuando-se assim a ideia do futebol genial e criativo dos brasileiros. E mais uma vez, a dita “metáfora” do futebol arte foi tão intensificada pela imprensa em 1970, que acabou reverberando na seleção escalada para a Copa de 1982. Mesmo tendo terminado a competição em quinto lugar, este grupo de jogadores foi considerado exemplo das características pelas quais o futebol brasileiro é reconhecido, como se fosse uma extensão da seleção que disputou o evento doze anos antes (SANTORO; SOARES, 2009).

Soares, Helal e Santoro (2004) dizem que a construção da ideia de uma forma característica de se praticar o futebol no Brasil funcionou como uma forma dos habitantes do país se afirmarem culturalmente perante o resto do mundo. “A produção de narrativas sobre o futebol assumia o discurso do pertencimento, isto é, da ‘essência’ do ser brasileiro.” (SOARES; HELAL; SANTORO, 2004, p. 66).

Os autores apontam para o fato de que, tendo sido construída em grande parte por narrativas jornalísticas, a memória do futebol brasileiro está repleta de parcialidades, seguindo a tendência na qual está fundamentada, de que este esporte no Brasil remete mais ao artístico do que ao técnico. Como exemplo, eles também citam a Copa do Mundo de 1970, afirmando que a memória da seleção que disputou este evento foi embasada apenas

nos aspectos que diziam respeito ao talento dos jogadores, em detrimento à preparação técnica pela qual eles passaram.

As imagens veiculadas remetem à improvisação, aos floreios e aos dribles, denominados como “estilo brasileiro de futebol” ou “futebol arte”. As narrativas mitificam os jogadores brasileiros como artistas naturais, esquecendo-se do aparato científico e das narrativas científicas que aparecem nos jornais no período da Copa de 1970. É como se a ciência fosse desmerecer o talento. (SOARES; HELAL; SANTORO, 2004, p. 67).

Franco Júnior (2013) vai além da ideia de Soares, Helal e Santoro (2004) em relação ao “futebol arte” no Brasil, apresentando-o como uma falácia, quando refere-se ao que tem sido visto do esporte na atualidade.

Parte essencial do clichê “Brasil, país do futebol” é a crença de que aqui se joga com mais habilidade, com mais qualidade. A rigor, porém, o nível de nossas competições é mediano, quando não baixo. O enquadramento institucional impede que a potencialidade esportiva se torne realidade (FRANCO JÚNIOR, 2013, p. 50).

Condizente com a realidade ou não, o fato é que o futebol valorizado pelos brasileiros é justamente aquele praticado com ares teatrais, talvez porque ele seja entendido como o “verdadeiro” futebol do Brasil. E essa identificação causada pelo formato singular do esporte praticado no país tem sido muito visada pelas empresas como um apelo publicitário eficaz na divulgação de suas marcas e produtos.

“O Apito do Árbitro” - A Ordem do Discurso de Foucault

Discutidas as relações entre o futebol que constitui a identidade nacional brasileira e o futebol observado pela academia, bem como entre o futebol e a publicidade, cabe neste momento, buscar uma metodologia que explique porque determinado discurso acerca deste esporte foi escolhido pela mídia, e acolhido pela sociedade, para massiva divulgação.

A partir da aula inaugural no *Collège de France*, ministrada em 2 de dezembro de 1970 por Michel Foucault, foi desenvolvido o livro “A Ordem do Discurso”, publicado originalmente em Paris, no ano de 1971. Neste livro, Foucault (1999) faz uma análise a respeito dos discursos, e propõe classificações metodológicas para eles, de forma a entender porque algumas ideias são tão fortemente difundidas na sociedade em detrimento de outras.

Foucault (1999) inicia sua obra atentando para a necessidade que se há em estudar a origem dos discursos e as formas pelas quais eles se propagam na sociedade.

[...] inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de suportar lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo o uso há tanto tempo reduziu as aperidades. (FOUCAULT, 1999, p. 8).

Em um segundo momento, o autor começa de fato sua análise sobre a produção dos discursos. Foucault (1999) introduz sua ideia de que em toda sociedade tal produção é, simultaneamente, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um determinado número de procedimentos, cuja função seria tramar seus poderes e perigos, dominar o acontecimento aleatório e esquivar sua materialidade.

Foucault (1999) separa as formas de construção do discurso em fatores internos e externos. O primeiro processo externo, relatado pelo autor, seria a interdição da palavra. Foucault (1999) diz existir três formas de se interditar o que é dito que se relacionam entre si, fortalecendo-se e complementando-se, que seriam: tabu do objeto, ritual da circunstância e direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. A interdição da palavra revela a ligação do discurso com o poder, algo que não é novidade segundo o autor, que classifica a possibilidade de vetar certos discursos como uma das principais causas das disputas por dominação.

O segundo fator externo seria o que Foucault (1999) chama de segregação da loucura. Segundo ele, desde a Idade Média, ao mesmo tempo em que se descredita o discurso das pessoas ditas loucas, ele é valorizado como uma forma diferente de se enxergar verdades ocultas. Ele ainda diz que embora se acredite que hoje em dia não haja mais essa exclusão, ela ainda voga, e pode ser percebida na relação existente entre pacientes e médicos, psicanalistas, onde há uma certa censura no discurso proferido.

Por fim, o último fator externo consiste na vontade da verdade. Segundo Foucault (1999), a arbitrariedade não estaria em definir o que é verdadeiro e o que é falso dentro de um discurso já formado, mas sim, na forma como tal verdade foi forjada ao longo do tempo. A vontade da verdade funcionaria como um sistema de exclusão na medida em que é apoiada por um suporte institucional, sendo reforçada e reconduzida por um conjunto de práticas. “Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo

como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.” (FOUCAULT, 1999, p. 17). O autor diz que a vontade da verdade exerce sobre os discursos certa pressão e coerção.

Foucault (1999) se aprofunda mais no conceito de vontade de verdade pois, como ele próprio diz, os dois primeiros processos se enfraquecem à medida em que são atravessados pelo terceiro, que se fortalece cada vez mais, tornando-se mais incontornável. E ele segue dizendo que a vontade da verdade é a forma de exclusão de que menos se fala, justamente pela suposta verdade estar tão incrustada nos discursos.

Assim, só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E ignoramos, em contrapartida, a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recoloca-la em questão contra a verdade [...]. (FOUCAULT, 1999, p. 20).

Foucault (1999) ainda fala sobre os processos internos de exclusão, visto que os próprios discursos exercem controle sobre si. O primeiro processo interno seria o comentário. O autor diz que existem dois tipos de discursos que circulam pela sociedade: os discursos que seriam origens e aqueles que se originam através dos comentários sobre eles. Embora esse desnivelamento dos discursos não seja estável, seu encerramento é uma utopia. No entanto, Foucault (1999) mostra que, através do comentário, novos discursos podem ser construídos indefinidamente, muito embora seu principal papel seja dizer por fim o que se articula no texto primeiro no qual ele se fundamenta. “O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado.” (FOUCAULT, 1999, p. 25).

O segundo processo interno, que complementaria o primeiro, seria o autor. Por autor, Foucault (1999) não diz ser o indivíduo que produziu um texto, mas sim o princípio de agrupamento do discurso. Enquanto o comentário limita o discurso pela repetição, o princípio do autor o limita pela individualidade. “O comentário limitava o acaso do discurso pelo jogo de uma *identidade* que teria a forma de *repetição* e do *mesmo*. O princípio do autor limita esse mesmo acaso pelo jogo de uma *identidade* que tem a forma da *individualidade* e do *eu*.” (FOUCAULT, 1999, p. 29).

O terceiro e último processo interno de limitação seriam as disciplinas. Este princípio seria oposto aos dois primeiros, já que funciona como um conjunto de métodos e

domínio de objetos que possibilitariam qualquer um a servir-se deles sem que tivesse importância quem, e também já que pressupõe que seja possível que novas proposições sejam indefinidamente formuladas. Embora possam possuir erros, que funcionam de forma positiva à medida em que se associam com a verdade, as disciplinas precisam responder a certas condições, para que se enquadrem como tal. “Em resumo, uma proposição deve preencher exigências complexas e pesadas para poder pertencer ao conjunto de uma disciplina.” (FOUCAULT, 1999, p. 34). Ainda segundo o autor, mais importante do que ser verdadeiro ou falso, para que uma proposição se enquadre em uma disciplina, é necessário que ele esteja “no verdadeiro”, o que caracteriza o processo de controle de produção do discurso.

Depois de classificar os fatores internos e externos como forma de exclusão, Foucault (1999) parte para uma terceira forma que diria respeito à determinação das condições de funcionamento dos discursos, e quais regras fariam com que nem todos tivessem acesso a eles.

[...] nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (FOUCAULT, 1999, p. 37).

A primeira forma dos sistemas de restrição que Foucault propõe é o ritual. Esta classificação definiria a qualificação que os indivíduos que falam devem possuir, determina o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso, definindo qual é o efeito das palavras proferidas àqueles aos quais elas se dirigem. Segundo o autor, o ritual “[...] determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos.” (FOUCAULT, 1999, p. 39).

Quase em contraposição a isso, surge a segunda forma, que seriam as “sociedades de discurso”, que teriam como função conservar ou produzir discursos para que sejam veiculados em espaço fechado e distribuídos de forma restrita, para que isso não caracterize a perda de posse de seus detentores. Foucault as exemplifica, nos dias atuais, como os discursos pertencentes a classes profissionais que se limitam aos indivíduos pertencentes a elas, o que funcionaria como um tipo de exclusão.

A terceira forma de restrição é a doutrina, que por sua vez, seria o inverso das “sociedades do discurso”. Ela tende a se difundir, e somente pelo compartilhamento de um único e mesmo discurso é que ela faz com que os indivíduos sintam que a pertencem. “[...]”

a doutrina questiona os enunciados a partir dos sujeitos que falam, na medida em que a doutrina vale sempre como o sinal, a manifestação e o instrumento de uma pertença prévia...” (FOUCAULT, 1999, p. 43).

Por fim, a forma que o autor considera muito mais ampla, seria a apropriação social dos discursos. Foucault considera todos os sistemas educacionais como uma maneira política de manter ou modificar a apropriação do discurso. Portanto, ele entende que a apropriação social dos discursos funcionaria com a interação das três formas anteriormente citadas por ele, como se a educação tradicionalmente fornecida nos centros educacionais fosse baseada em todas as formas de exclusão do discurso que se ligam a suas condições de funcionamento.

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ou menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (FOUCAULT, 1999, p. 44).

Baseando-se nas classificações propostas por Foucault (1999) em “A Ordem do Discurso”, a seguir, será desenvolvida a tentativa de se entender como os discursos acerca do futebol brasileiro foram construídos, e como a imagem divulgada e perpetuada em meio à sociedade pela mídia tornou-se tão distinta daquela que é tida como real pela academia, utilizando como objeto de estudo as vinhetas das emissoras de TV que transmitiram a Copa do Mundo de 2014, no Brasil.

“Bola em Jogo” - Análise do Objeto

Para que fosse possível a análise do discurso do futebol brasileiro construído como forma de identidade nacional e perpetuado pela mídia, em contraposição ao discurso da academia sobre este tema, foram escolhidos dois produtos midiáticos que representam o emprego desta temática.

Durante a Copa do Mundo, as emissoras de TV responsáveis pela transmissão do evento em rede aberta, Globo e Bandeirantes, produziram duas vinhetas, “Somos um Só”⁴ e “O Maior Espetáculo da Terra”⁵ respectivamente, com o intuito de divulgar a exibição dos jogos e estimular a audiência. Para tanto, o conteúdo destes vídeos publicitários deveria ser

⁴ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=voTX6c1Too8>

⁵ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MLvx6j15FZ8>

o mais próximo possível da ideia que a população brasileira tem do futebol, para que ela se identificasse com eles.

Em breve análise baseada nos aspectos considerados característicos do futebol no Brasil, e através do processo de decupagem, alguns elementos encontram-se presentes em diversos momentos de ambos os *spots* publicitários. Um aspecto importante de ser destacado é a trilha sonora. O fato de a propaganda veiculada pela emissora Band utilizar o samba como estilo musical é exemplo da relação existente entre tal música com o futebol, causando a identificação direta do público. No caso da Globo, a emissora aposta em uma canção criada para a Copa de 1994, “Coração Verde e Amarelo”, e que se tornou característica do evento para fazer com que o público se identificasse com ela.

Um dos elementos mais característicos do futebol brasileiro, e pelo qual ele é mais valorizado, é evidente em ambas as propagandas. A “molecagem” admirada neste esporte, tanto por brasileiros quanto por outros povos, é evidenciada pela quantidade de imagens de dribles ou truques com a bola, tanto pelos jogadores da seleção quanto pelas pessoas comuns que brincam de futebol, que é muito superior à quantidade de imagens que mostram passes entre jogadores (profissionais ou amadores).

A transgressão à autoridade, característica também presente no futebol brasileiro e derivada da cultura do país, pode ser vista em diversos momentos nas vinhetas. Na Globo, ela aparece representada por imagens de pessoas utilizando bens privados ou públicos para brincar de futebol, como os balanços de um parque na praia fazendo as vezes de trave ou os carrinhos de um supermercado marcando os limites de um campo. Já na Band, ela pode ser percebida pela imagem em que um jogador aparece discutindo com o outro em campo, apontando o dedo para o mesmo como forma de provocação.

Por fim, nas duas propagandas, podem ser encontradas diversas imagens que detalham as partes do corpo mais utilizadas ao se praticar o futebol, e que são apreciadas pela cultura brasileira, como as pernas e os quadris, garantindo que o apelo a sensualidade exalada pelo enfoque de tais partes durante a prática do esporte seja mais um elemento para prender a atenção do público à vinheta.

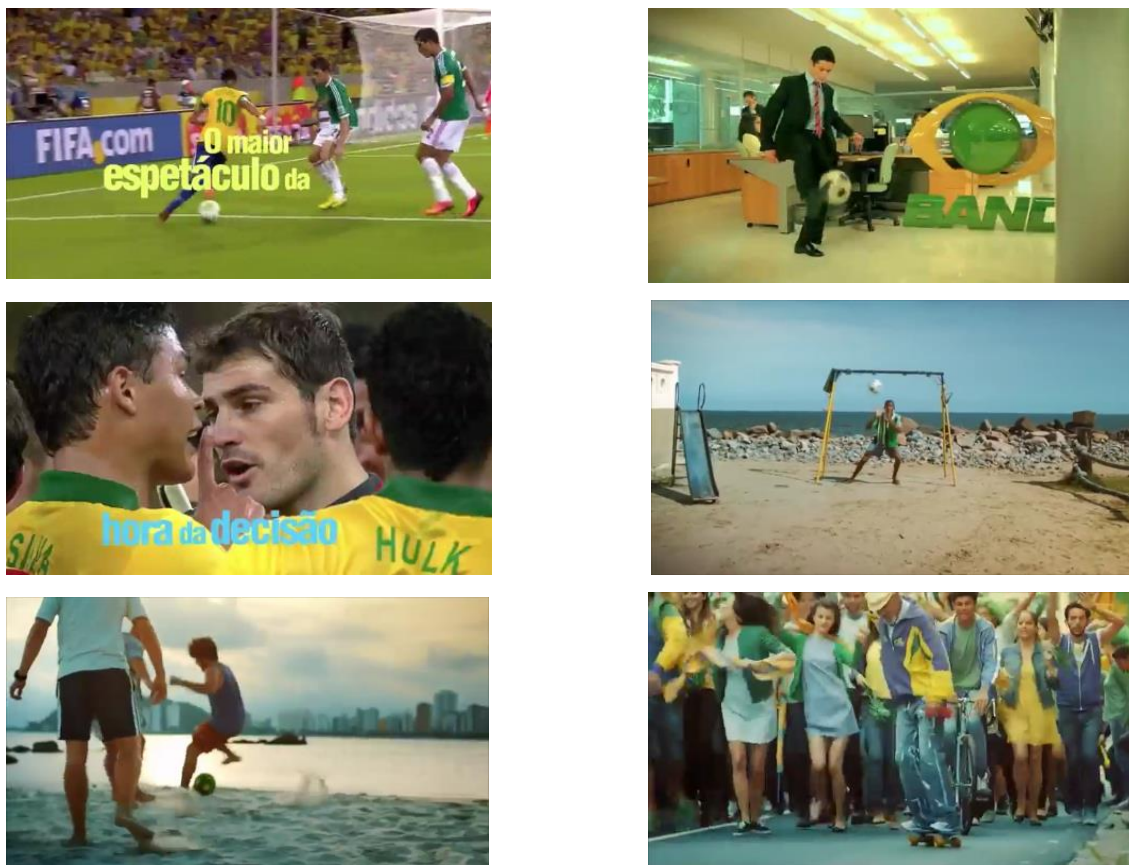


Figura 1: Imagens extraídas das vinhetas analisadas que exemplificam os conceitos obtidos na análise.
Fonte: Elaborada pelos autores.

Nota-se, através da análise do conteúdo das vinhetas escolhidas, que ambas utilizam, majoritariamente, o discurso construído para se caracterizar o futebol brasileiro, carregado de simbologias nacionais, em detrimento ao discurso pregado pela academia, a respeito da verdade sobre a prática deste esporte no Brasil. Cabe agora, através das diversas formas de exclusão, limitação e apropriação do discurso lançadas por Foucault (1999), classificar como, possivelmente, a fala midiática se sobrepõe à acadêmica em meio à sociedade.

De acordo com as categorias referentes aos processos externos citadas pelo autor, pode-se entender que o discurso midiático acerca do futebol brasileiro enquadra-se no que Foucault (1999) chama de “vontade da verdade”. Como ele mesmo diz, pouco se discute sobre a vontade da verdade, já que este processo de exclusão considera que o próprio discurso proferido é a verdade. Talvez através deste mecanismo, a ideia do futebol arte foi tão propagada pela mídia que se tornou verdadeira em meio à sociedade. Isso explicaria porque o discurso da academia a respeito do esporte, como é praticado no Brasil, não é acolhido também por ela, por parecer “falso” perante o que é publicamente tido como “verdadeiro”, limitando-se a um grupo restrito de indivíduos.

Pode-se perceber, no exemplo das vinhetas, que os pontos-chaves utilizados na construção de ambas baseiam-se nesta “verdade”, propagando um tipo de relacionamento utópico, porém aceito, entre a sociedade brasileira e o futebol, como uma massa que abre mão de deveres e obrigações para acompanhar a seleção brasileira durante a Copa do Mundo.

Sobre os processos internos de exclusão, ao que parece, o discurso do futebol arte classifica-se no que Foucault (1999) chama de “comentário”, visto que o imaginário construído pela relação entre este esporte e a cultura do Brasil tornou-se tão enraizado na sociedade, que quando é abordado, o que se gera são apenas versões que o repetem, mas não o negam.

Isto pode ser percebido também, não somente nas vinhetas, que levam quase que à exaustão diversos elementos culturalmente característicos da sociedade brasileira, mas também em noticiários esportivos, que acabam gerando o que Umberto Eco (1984) chamou de “esporte à enésima potência”, ou seja, uma “falação” infinita sobre o esporte que, normalmente, gira em torno dos mesmos temas.

Por fim, em relação às condições de funcionamento dos discursos propostas por Foucault (1999), embora o autor exemplifique tal modelo com o discurso político e religioso, percebe-se que o discurso do futebol arte se assemelha muito ao que ele chama de doutrina. Tal discurso é divulgado de maneira única, já explicado segundo à classificação do “comentário”, e de forma que os indivíduos impactados por ele desenvolvam um sentimento de pertença, de identificação, de unidade por meio dele.

“Final de Jogo” – Considerações Finais

A breve classificação feita do discurso midiático de acordo com os conceitos propostos por Foucault (1999) foi realizada de modo a entender através de quais mecanismos a ideia do futebol arte, aparentemente, se sobrepõe à difundida pelos estudiosos do esporte em matéria de alcance e aceitação. No entanto, se pensarmos no sentido contrário, também encontraríamos classificações possíveis de exclusão do discurso pregado pela mídia em relação ao discurso acadêmico.

Quanto aos processos externos tratados por Foucault (1999), poderíamos classificar o discurso acadêmico como a interdição da palavra, à medida que uma de suas subdivisões é o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. Esta classificação é possível visto

que, embasada em fatos e estudos observatórios sobre a real trajetória do futebol brasileiro, a academia considera seu discurso mais adequado para se discutir o esporte, excluindo a visão midiática sobre ele.

Sobre os processos internos, o discurso acadêmico se aproxima da disciplina, que não limita tanto a produção quanto o autor. O que se percebe é que, assim como em outras instâncias acadêmicas, a fala sobre o futebol, de acordo com estudiosos, tem aberto novas possibilidades para que mais autores possam dissertar sobre este tema, funcionando como uma verdadeira disciplina, de acordo com as classificações de Foucault (1999). Todavia, é preciso cautela para que a exclusão extrema do discurso midiático sobre o futebol não acabe levando o discurso acadêmico a aproximar-se da classificação de comentário proposta por Foucault (1999), gerando falas que se desdobram sempre sobre um mesmo posicionamento.

Em relação às formas de funcionamento dos discursos, a visão acadêmica classifica-se como sociedade do discurso, já que seu discurso acaba sendo limitado a um grupo de pessoas menor, em relação àquele atingido pelo discurso midiático e que acredita e propaga a mesma visão do futebol brasileiro. A fala da academia a respeito deste esporte, seja por quais motivos forem, ainda se encontra restrita aos pesquisadores que estudam o mesmo tema.

No entanto, através dos processos de exclusão dos discursos em que a fala do futebol arte, perpetuada pela mídia, está baseada, provavelmente será difícil que esta nova visão a respeito deste esporte no Brasil seja inserida e aceita pela sociedade.

O brasileiro ainda se identifica muito com a ideia inicialmente construída por Gilberto Freyre em 1938, enxergando no esporte um dos principais elementos de sua identidade nacional, e muito disso se deve à constante veiculação desta imagem pelos diversos produtos midiáticos. Não se pode negar que alguns jogadores brasileiros, como Neymar, Ronaldinho Gaúcho e outros, possuem uma forma característica de praticar futebol, mas também não se pode dizer que tal estilo é unicamente deles. Hoje, outros jogadores, de outras nacionalidades, possuem grande habilidade com a bola, como Messi, na Argentina, e Cristiano Ronaldo, de Portugal; utilizando-se de “firulas” e transgressões para “embelezar” o jogo.

Também não se pode deixar de lado o fato de que algumas seleções brasileiras demonstraram extrema destreza na prática do chamado futebol arte em alguns mundiais, como em 1958. No entanto, embora esta seja a visão difundida pela mídia e aceita pelos brasileiros, como alguns estudiosos do esporte afirmam, a partir do momento em que a

maior parte das Copas do Mundo foi marcada por uma atuação regular dos jogadores brasileiros, e não tão artística, esta característica torna-se exceção, e não a regra.

REFERÊNCIAS

DAMATTA, R. Antropologia do óbvio. **Revista USP**. São Paulo, n. 22, p. 10-17, jun/jul/ago 1994.

ECO, U. A falação esportiva. In: _____. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 220-226.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FRANCO JÚNIOR, H. Brasil, país do futebol?. **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p. 45-56, set./nov. 2013.

GASTALDO, E. Futebol e Memória. In: MARQUES, J. C.; GOULART, J. O. (Orgs). **Futebol, Comunicação e Cultura**. São Paulo: INTERCOM, 2012. p. 85-98.

GUEDES, S. L. “A produção das diferenças na produção dos ‘estilos de jogo’ no futebol: a propósito de um texto fundador”. In BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; BURLAMAQUI, Luiz Guilherme (Orgs.). **Desvendando o jogo** – nova luz sobre o futebol. Niterói: Editora da UFF – FAPERJ, 2014.

HELAL, R.; GORDON, C. A crise no futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **ECO-PÓS**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 37-55, 2002.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Petrópolis: Firmo, 1994.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

SANTORO, M. A.; SOARES, A. J. G. **A memória da copa de 1970**: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. Campinas: Autores associados, 2009.

SOARES, A. J.; HELAL, R.; SANTORO, M. A. Futebol, imprensa e memória. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 61-78, jan/jun 2004.

SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. R. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set. 2003.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.